



O CONCEITO DE RESILIÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DO SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE

Paula Almeida de Castro
Universidade Estadual da Paraíba
paulaalcastro@terra.com.br

Erivaldo Genuíno Lima
Universidade Federal de Campina Grande
erigenuino@hotmail.com

Fernanda Shayonally Araújo Carlos
Faculdades Maurício de Nassau
fernandashayonally@gmail.com

Neste trabalho, apresenta-se o conceito de resiliência como possibilidade de compreender o sujeito nos processos de institucionalização na contemporaneidade. O conceito foi analisado de modo a oferecer explicações para a compreensão, sobretudo, para os processos educacionais que os alunos percorrem ao longo das diferentes etapas da escolarização. O estudo, pautou-se nas asserções teóricas das definições sobre o conceito e seus usos nas Ciências da Saúde, Exatas, Sociais e Humanas. Ainda que a produção científica no Brasil careça de estudos sobre o conceito de resiliência, sabe-se que muito das situações da vida cotidiana não podem ser explicadas por conceitos expressos unicamente em dicionários ou nas produções científicas. Na tentativa de dar conta de compreender o conceito de resiliência no contexto da educação brasileira, delineou-se uma forma de transpor e/ou aplicar os conceitos resultantes de pesquisas desenvolvidas por diferentes autores, instituições e de outras áreas do conhecimento para o estudo sobre o tornar-se aluno. Feitas as devidas análises, constataram-se evidências de que eles pudessem contribuir para res-significar as particularidades das áreas do conhecimento.

Para a realização desse estudo utilizou-se a revisão de literatura pertinente à temática, apoiada na utilização dos “mapas conceituais como instrumentos de organização metodológica em pesquisas no campo educacional” (MATTOS, CASTRO, BORGES, 2013). A análise dos mapas indicam o conjunto de conceitos relacionados a produção de um determinado conhecimento, qual seja, resiliência.



Pautou-se, ainda, em resultados de um estudo etnográfico realizado com alunos do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CASTRO, 2011).

Resiliência: conceituando

Nas Ciências da Saúde, desde a década de 1970, a resiliência é utilizada para explicar como se dá o processo de recuperação de pessoas doentes por um longo período. Nas Ciências Exatas, na Física, a resiliência refere-se à propriedade que os materiais possuem de voltar ao seu estado anterior após sofrer impactos de alta pressão que os deformam. É um conceito também utilizado pelas Ciências Sociais para definir uma capacidade idiossincrática de indivíduos em situação de vulnerabilidade.

Neste estudo, ressalta-se a contribuição do conceito de resiliência nas Ciências Humanas. Em Psicologia, o conceito refere-se à capacidade dos indivíduos de superar períodos de dor e crises emocionais. Quando um indivíduo é capaz de superar um momento de crise, é dito que ele possui capacidade resiliente adequada para superar contratempos e adversidades. Essa capacidade é reforçada pelo enfrentamento das situações de crise. Explica-se que o ser humano dispõe de processos e estruturas flexíveis que possibilitam a sua reestruturação e recomposição com relativo sucesso diante de situações de risco e vulnerabilidade. Exemplo disso é encontrado nos estudos de Yunes (2001) e Szymanski (1988) ao explicarem como o indivíduo encontra motivações internas e formas alternativas para retomar suas atividades do dia a dia e superar situações de privação material extrema, como a pobreza e a miséria.

Em Educação, nos estudos desenvolvidos no Brasil, pode-se dizer que este ainda é um conceito pouco explorado tanto nas publicações científicas quanto em dicionários da língua portuguesa¹. Encontram-se trabalhos que utilizam a resiliência para compreender situações de vulnerabilidade, como o fracasso escolar, além de outras formas de exclusão social. Mattos e Castro (2010)

¹ Os dicionários de língua portuguesa definem resiliência pautados nos estudos das Ciências Exatas, fazendo referência à resiliência de materiais.



definem resiliência “como um conjunto de variáveis e/ou fatores que auxiliam o sujeito escolar no enfrentamento ou superação de adversidades e vulnerabilidades, contribuindo para o seu empoderamento”. É ainda encontrado para explicar estratégias de professores no início de sua prática profissional em sala de aula. No estudo de Castro (2001) mencionam-se as estratégias de resiliência de professores iniciantes no enfrentamento de situações consideradas problemáticas, levando-os a conseguir melhores formas de conviver com tantas adversidades (p. 117). Nessa perspectiva, entende-se que o sujeito resiliente, ao deparar-se com as mesmas situações que o levaram a uma situação de vulnerabilidade ou desestabilidade, terá uma maior probabilidade e habilidade para lidar com tais situações, encontrando alternativas para sua superação.

No estudo de Bottrell (2007), a resiliência é definida como “uma adaptação positiva apesar da adversidade [que] centra-se essencialmente nos fatores de proteção que amenizam os riscos das condições e circunstâncias adversas, permitindo o desenvolvimento saudável dos indivíduos”. Para a autora, os indicadores de resiliência normalmente incluem formas de lidar e ultrapassar limites que podem ser exemplificadas pela competência, habilidades sociais e de resolução de problemas, além do otimismo. A diferença apontada por Bottrell do uso do conceito de resiliência é dada pela possibilidade de romper com a ênfase usualmente adotada em pesquisas sobre as patologias e problemas relacionados ao comportamento desses jovens. No Brasil, é comum a medicalização e a patologização de jovens em situação de exclusão escolar e vulnerabilidade social, como indicam os estudos de Patto (1999).

Nos estudos de Ungar (2003, 2004a; 2004b) encontram-se a definição e os usos do conceito de resiliência. O autor utiliza a resiliência para refletir sobre os padrões de comportamento apresentados por sujeitos (crianças e jovens) em situações de risco e a adaptabilidade a essas situações. Ungar define a resiliência como a capacidade de emoldurar-se que o indivíduo possui ou desenvolve a partir de suas próprias necessidades. Por essa definição pode-se inferir que o sujeito será capaz de criar um padrão de comportamento frente às



demandas do dia a dia escolar que se apresentam a ele e uma adaptabilidade caracterizada como padrões resilientes. Essa capacidade se dá pela junção de diferentes aspectos da personalidade para dar conta de promover essa capacidade nos sujeitos: subjetividade, empatia, flexibilidade humana, reorganizando as vivências, quaisquer que sejam estas, em respostas adaptativas para futuros acontecimentos de natureza semelhante. Entretanto, Ungar (2003) destaca a preocupação em não generalizar o resultado de seus estudos, evitando respostas tendenciosas às possibilidades adaptativas de sujeitos em situação de risco.

Os estudos sobre resiliência, de modo geral, apresentam como características resilientes de um indivíduo a competência social, a empatia e a adaptabilidade em situações de estresse (CECCONELLO; KOLLER, 2000), controle das emoções e inteligência emocional (EDWARD; WARELOW, 2005) e os fatores genéticos como a personalidade, habilidades motoras, além dos fatores que podem ser aprendidos ao longo da vida (JOSEPH, 1994; HENDERSON, 1998). Contudo, Richman e Fraser (2001) indicam que um dos problemas quanto a conceituar resiliência está em definir o que significa risco, adversidade e superação. Para cada sujeito essas situações podem se apresentar com maior ou menor grau de dificuldade e probabilidade de ser superada. Os autores questionam se a adaptação de um sujeito estaria relacionada ao adaptar-se ou ao obter resultados bem-sucedidos com relação aos níveis exigidos como competência e funcionalidade social atendendo ou não às expectativas. Para explicar esse questionamento, eles utilizam o exemplo de um aluno do ensino médio considerado em situação de fracasso escolar. “Nessa condição, para que o aluno seja considerado resiliente seria preciso que ele se formasse como o primeiro de sua turma? Ou qual a importância de se formar [completar o ensino médio]?” (RICHMAN; FRASER, 2001).

Percebe-se que a preocupação de Ungar sobre respostas tendenciosas se aplica também ao que é entendido como situação de risco. Não se pode esperar que todos os sujeitos apresentem as mesmas características resilientes quando em interação, por exemplo, na escola e na sala de aula com



os professores e outros alunos. Cada aluno pode ser levado a apresentar respostas nas interações escolares de acordo com suas vivências e experiências de vida moldando seus processos de tornar-se aluno caracterizando, ainda sua identidade de aluno e de sujeito social. As respostas adaptativas, por sua vez, podem se apresentar através da construção das comunidades de pertencimento que o sujeito possui nos ambientes interacionais em que vive. Resiliência, nesse sentido, tende a ser parte de uma perspectiva ecológica que os indivíduos podem possuir indicando, como sinaliza Bronfenbrenner (1979) “o envolvimento dinâmico de interações entre o sujeito e o ambiente” (p. 38).

Considerações finais

Pelo exposto, reflete-se que a resiliência contribui ainda para pensar as trajetórias escolares, sobretudo sobre o modo como os alunos em situação de exclusão conseguem revertê-la e trilhar outros caminhos dentro e fora da escola. Entende-se que o aluno que desenvolve características resilientes poderá ter mais chances de incorporar as normas escolares para tornar-se aluno de maneira mais bem-sucedida. A capacidade resiliente, de um modo particular, oferece explicações para entender como o aluno para tornar-se aluno encontra formas de superação para as situações de adversidade no cotidiano da escola e da sala de aula.

Referências

- BOTTRELL, D. Resistance, resilience and social identities: reframing ‘problem youth’ and the problem of schooling. *Journal of Youth Studies*, v. 10, n. 5, p. 597-616, nov. 2007.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: ArtMed, 1996.
- CASTRO, M. A. C. D. Revelando o sentido e o significado da resiliência na preparação de professores para atuar e conviver num mundo em transformação. In: TAVRES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 115-126.
- CASTRO, Paula Almeida de. *Tornar-se aluno: identidade e pertencimento – um estudo etnográfico*. 2011. 157f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de*



- Psicologia*, v. 5, n. 1, p.71-93. 2000.
- EDWARD, Karen-leigh; WARELOW, P. Resilience: when coping is emotionally intelligent. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, v. 11, n. 2, p. 101-102. 2005.
- FLEURI, R. M. Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 16-35, maio-ago. 2003.
- JOSEPH, J. M. *The resilient child: preparing today's youth for tomorrow's world*. New York: Plenum, 1994.
- HENDERSON, N. Make resiliency happen. *The education digest*, v. 63, n. 5, p. 15-18. 1998.
- MATTOS, C. L. G. de, CASTRO, P. A. de. *Fracasso Escolar: gênero e pobreza*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. Relatório de pesquisa.
- MATTOS, C. L. G. de., CASTRO, P. A. de., BORGES. L. P. C. Conceptual maps as a methodological approach at educational research. *QWERTY*, v. 8, p. 32-43, 2013.
- PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- RICHMAN, J. M.; FRASER, M. W. *The context of youth violence: resilience, risk and protection*. Westport, CT: Praeger, 2001.
- SZYMANSKY, H. R. G. *Um estudo sobre o significado de família*. 1988. 167f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1988.
- UNGAR, M. A constructionist discourse on resilience. Multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth & Society*, v. 35, n. 3, p. 341-365. 2004.
- _____. Qualitative contributions to resilience research. *Qualitative social work*, v. 2, n. 1, p. 85-102, mar. 2003.
- UNGAR, M., DUMOND, C.; MCDONALD, W. Risk, resilience and outdoor programmes for at-risk children. *Journal of social work*, v. 5, n. 3, p. 319-338, dec. 2005.
- YUNES, M. A. M. *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. 2001.168f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.